

Exmo.Sr.Presidente do Tribunal Regional do Trabalho da 4a Região, Desembargador Francisco Rossal de Araújo, na pessoa de quem saúdo os Magistrados e demais Autoridades da Casa;

Meu Pai e minha Mãe, Carlos Moacyr e Victorinha Pérola, na pessoa de quem reverencio aqueles que calçaram as estradas por onde andamos;

Queridos Colegas, companheiros de jornada.

Cada um de nós nesta sessão de homenagem por tempo de trabalho tem um percurso próprio. Coube-me como mais antiga servidora presente falar em nome dos homenageados. Um microfone é sempre uma oportunidade e uma responsabilidade.

Trairia meu coração, todavia, se não tomasse este ensejo como ocasião para fazer um agradecimento e um reconhecimento que de justiça. Ingressei nos quadros desta Casa ainda uma menina, cheia de ilusões, de sonhos, de ímpetos e de força; contava dezoito anos: pela legislação então em vigor, era menor de idade, fui emancipada pelo Concurso Público. Aqui, percorri caminhos ora doces, ora amargos; às vezes frustrantes, às vezes extremamente satisfatórios. Hoje, sou uma mulher de cãs, com algumas realizações importantes e faltando-me alguns pedaços que deixei pelas pedras do caminho. Mais de 35 anos depois, tenho aquele viço da juventude agora naturalmente empalidecido pelo cansaço da experiência. As ilusões deram lugar à maturidade realista que só a vivência acarreta.

Tive muita sorte, calhou de haver possibilidade de trabalhar junto a alguns dos melhores magistrados que uma eterna estudante de Direito sempre idealista pudesse almejar. Os queridos Dr.Gilberto Libório Barros, Dra.Jane Alice Machado; Dra.Magda Biavaschi; Dr.Felipe Ledur; Dra. Márcia Motta e Ministra Rosa Maria Weber, cada um a seu modo, todos ensinaram-me muito e forjaram-me o que sou não apenas como profissional, mas também como pessoa.

Dentre os chefes de setor, não posso destacar um em detrimento dos demais, porque realmente passei por chefias maravilhosas, marcaram-me

especialmente aquelas mais proximamente a quem trabalhei e com quem mais tive afinidade, como o querido Anatólio; o querido Dr.Márcio; a querida Urânia; a querida Desembargadora Denise Pacheco; o querido Alex Vagheti. Mas seria muito injusto nesse momento eu não fazer um reconhecimento: com os seus atributos e conduta profissionais, o modo como o Sr.Alexandre Paz Garcia administra imediatamente a Central de Mandados da Justiça do Trabalho de Porto Alegre, onde estou lotada nos últimos anos, é determinante para que eu hoje possa estar aqui. Porque houve momentos em que as forças me faltaram, maior que fosse o meu empenho.

O cumprimento de mandados judiciais para realização concreta no mundo dos fatos daquele direito então dito nas decisões judiciais tem peculiaridades cáusticas e delicadas. Há particularidades interessantes, ricas, agradáveis. E há circunstâncias muito pesadas emocionalmente, além de outras muito arriscadas à integridade física dos Oficiais de Justiça. Tendo minhas funções diretamente supervisionadas pelo Sr.Alexandre Paz Garcia, sempre encontrei apoio ostensivo e orientação precisa, extremamente relevantes e eficientes. Com objetividade e tendo em vista o melhor propósito para atendimento dos mandados, sempre recebi acolhida humana nos momentos mais espinhosos, de modo a conseguir reerguer a integridade da minha alma alquebrada por dificuldades complexas, próprias à função e aos meus limites enquanto gente, e, assim, poder seguir envidando o meu melhor nos meus misteres. Meu muito obrigada.

Isso posto, para tentar bem me desincumbir da honrosa missão, doravante procurarei me despir dos meus acidentais particulares e mergulhar na essência da substância do que nos une e iguala enquanto servidores tendo seu tempo de trabalho celebrado.

Cá estamos, pois, celebrando Tempo de Trabalho. O que celebramos? O que é tempo? O que é trabalho?

Em Timeu, Platão explica que tempo é a imagem móvel da eternidade. O Demiurgo é o arquiteto organizador do que há. Na criação do Cosmo, ele se refere a um exemplar que é eterno - é um permanecer em unidade. O tempo, enquanto imagem móvel dessa eternidade acontece pela mediação do número, é o fluir da unidade segundo um ritmo numérico que se realiza no dia, e na noite, no mês, que

se move ciclicamente, um movimento cíclico numericamente determinado do qual nascem o era e o será, cópias móveis numeradas do é do eterno, sempre uno.(1)

Com Aristóteles, veremos que tempo é a medida do movimento e que o mistério se resolve a partir de dois pontos de referência: o movimento e a alma, sem qualquer um dos quais nos escapará a natureza do tempo. O movimento é através de um espaço contínuo, no qual se distingue o antes e o depois, e sempre proporcional ao movimento a quantidade de tempo transcorrido. O tempo realiza o seu percurso quando percebemos o antes e o depois do movimento. E essa percepção supõe necessariamente a alma. Diz Ari na Física: Mas, se é certo que na natureza das coisas só a alma ou o intelecto que nela está tem a capacidade de numerar, é impossível a existência do tempo sem a alma”. E assim antecipou a perspectiva espiritualista de Santo Agostinho. Para medir o tempo é necessária uma unidade de medida, que deve ser buscada no movimento uniforme perfeito. Sendo o único o circular, deduz-se que o sejam o das esferas e corpos celestes. Deus e as inteligências motrizes fora do espaço.(2)

Na tradução e na exegese do Professor Baracat, o neoplatônico Plotino vai perguntar: “E o movimento da alma, a que remontará? E ao desfecho de um argumento filosófico requintado, assevera que o tempo está em nós também. Sim, ele está em toda alma , e da mesma forma em todas, e todas são uma só. Por isso o tempo não será aniquilado (porque ele depende da atividade da alma, e não de um fenômeno sensível, como o movimento celeste). Também não o será a eternidade, que, de um modo diferente, está em todos os seres de sua espécie (em todos os seres inteligíveis).(3)

Já em Tempo Suspenso, na obra Em Busca do Paraíso Perdido: As Utopias Medievais, Hilário Franco Júnior afirma que todo o estudo sobre o tempo não é, a bem dizer, propriamente sobre ele, e sim sobre sua representação, porque em certa medida continua válida a constatação de Santo Agostinho: “O que é o tempo? Se ninguém me perguntar, eu sei: se quiser explicar a quem me fizer a pergunta, já não sei.” A ciência contemporânea diz que ele, realidade física como o espaço, não flui, apenas é. A sensação de fluxo derivaria da sua assimetria.(4)

E quanto ao trabalho?

Desde os tempos arcaicos, na Teogonia de Hesíodo, a condição humana é estabelecida junto com o trabalho. Houve um tempo em que os homens criados a partir do barro pelo Titã Prometeu viviam pela Terra indistintamente com os deuses. Zeus, ordenando o Cosmo, determina a Prometeu que sacrifique um boi e o reparta de modo que essa divisão será o referencial para as futuras relações entre homens e deuses. Protegendo os homens, Prometeu camufla a melhor parte de carne e, tentando enganá-lo, dá a escolha a Zeus. Mas Esse, detentor da Métis, astúcia, percebe a tentativa de logro e, furioso, castiga, tomando dos homens o fogo que até então recebiam do céu para se aquecerem e cozerem seu alimento. Os deuses comem carne só por prazer, não necessitam dela, enquanto os animais comem a carne crua. Em situação intermediária entre deuses e animais, alimentando-se de carne cozida, privados de fogo, os homens passam a ter que plantar para sua subsistência e operar para seu resguardo da intempérie, surgindo então o trabalho da sua condenação pela condição humana. (5)

Na Epopéia da Criação, registrado conforme a tabuinha 6, versos 1 a 8, o poema babilônico Enuma elis (1125-1104aC) assim descreve a origem da humanidade - em função dos deuses, pois esses precisam de alguém que trabalhe, de modo que possam repousar (deuses não trabalham):

“Madruk a fala dos deuses quando ouviu,  
Conduziu seu coração a engendrar prodígios.  
Mandando de sua boca a Ea comandou,  
O que em seu coração proferiu deu em conselho:  
Sangue condensarei, ossos farei existir,  
Farei erguer-se um ente, seja homem seu nome!  
Engendrarei sim um ente, o homem:  
Imponha-se a ele a labuta dos deuses e estes repousem!  
(...)” (6)

Na Bíblia, originalmente o trabalho foi considerado castigo. Assim, como no mito de Prometeu o fogo representava o conhecimento, também Adão passou a ter que trabalhar por ter provado desse fruto proibido.

A própria palavra trabalho tem origem no nome de um instrumento de tortura, uma espécie de canga.

Às sociedades clássicas, o trabalho era desonroso, não tinha o significado de realização pessoal e era reservado aos escravos. Para nobres e aristocratas, a dignidade se fazia na atividade filosófica e na política. (7)

O quê estamos celebrando, então?

Ocorre que o mesmo Hesíodo, ainda lá nos tempos arcaicos, aconselhando seu irmão, fala das virtudes, cujo começo de caminho é árduo, tornando-se fácil ao processo do caminhar. E explica a importância e nobreza do trabalho como fonte de sustento, prosperidade e autonomia alcançada por mérito. Diz o Poema o Trabalho e os Dias: “Por seu trabalho são muito mais amados pelos imortais. Não há nenhuma desonra em trabalhar; não fazer nada que é desonroso. (8)

Ensina o sábio Gibran Kahlil Gibran:

“O Trabalho

Sim, o trabalho é a imagem potente do perfeito amor!

Acercou-se-lhe um agricultor, pedindo que narrasse alguma coisa sobre o trabalho.

Almostafá respondeu:

Vós trabalhais, para imitar a terra e a respiração da terra, na sua rota.

Porque o indolente é um estranho às estações da terra, ‘retirado do cortejo da vida’, que desfila, com grandeza e ostentação, no espaço, do infinito para o infinito.!

Quando trabalhais, cada um de vós não é senão um órgão; trepida no vosso coração a expansibilidade dos dias, transformando-os numa perpetua harmonia.

E quem, dentre vós, prefere ser uma vara muda e surda, enquanto o que gira em seu redor entoa canticos sonóros com uma constante melodia!?

Muitos de vós dizem, que o trabalho é uma maldição, e que o labor é uma desgraça e um castigo! Mas eu vos digo que vós realizareis com o trabalho uma parte dos sonhos longínquos da terra, parte que vos havia sido designada desde o nascimento desses sonhos.

Se vos conservais fieis e constantes no trabalho util e proveitoso, tereis, na verdade, descerrado os vossos corações ao amor da vida, porque, a quem ama a vida com o trabalho util e proveitoso, a vida lhe abrirá a sua profundidade, atraindo-o ao seus segredos e misterios.

Entanto se em meio de vossas dores e amargurada desolação, chegardes a amaldiçoar o destino que as fez traçar sobre vossas fronte tamanha vicissitude para fortalecer-vos o corpo, nada poderá apagar esse estigma e lava-lo de vossas fronte, sinão o vosso trabalho e a vossa luta pela vida.

Já herdastes de vossos antepassados certos ditos - 'A vida é uma treva', passastes a repetir, na feira da vossa desolação, o que antes, vos disseram os vossos invalidos avós! (\*observo que não os meus, os meus sempre trabalharam e enalteceram a vida)

Na verdade, vos digo; a vida será uma treva densa, si não for saturada de vivacidade.

A vivacidade se tornará cega e sem benção, si não se orientar pelo saber. O saber será apático e insípido, se não for estímulo de atividade.

A atividade será inútil e improdutiva, si não se unir ao amor.

Se trabalhades com afeição, vós confundireis uns com os outros; envolvendo-se assim cada um de vós em seu Eterno Divino.

Qual é o trabalho, composto de eficiencia e afeição? Deveis confecionar a roupa, alinhavada com fios desfiados pela corda de vosso coração, refletindo que um ser amigo a vestirá. Edificai a casa com pedras extraídas da pedreira de vosso carinho e de vossa lealdade, considerando que um amiguinho irá habitar a referida casa.

E semeai as vossas sementes com cuidadoso zêlo, fazendo após as colheitas com prazer e alegria, como se fossem servidas na mesa de vosso amiguinho. E dispõe em cada um de vossos átos uma rajada de vossa alma. E crêde que vós sois rodeados por espiritos de todos os mortos superiores e inocentes, que vos observam e vos contemplam.

Por muitas vezes eu vos ouvi interrogar a vós mesmos, como si estivesseis imersos em profunda letargia, - dizendo: O que se preocupa em esculpir o marmore,

encontra no rochedo mudo uma forma, significativa para si, mais nobre que o agricultor que lavra a terra.

E quem subtrai do Arco-iris as cores para as transformar, sobre inferior pedaço de tecido, em figura de homem, é mais distinto que o sapateiro que apronta o calçado para nossos pés.

Porém, eu vos digo, não sob a influência do sono, e sim, em plena luz do dia, que a ventania não dialoga com a figueira frondosa, em tom mais meigo do que aquele com que fala à mais humilde das plantinhas do solo.

É grande aquele que transforma o ulular das ventanias em canção, aumentada de deliciosa doçura e melodia!

Sim, o trabalho é a imagem potente do perfeito amor!

Se não podeis trabalhar com amor e se vos sentis cansados e aborrecidos é mais convincente desistirdes de vossos afazeres e vos sentardes nos degraus dos templos, para solicitar a esmola dos obreiros, que trabalham com alegria e tranquilidade.

E se vos queixardes ao espremer as uvas, ficai certos de que o vosso murmúrio envenenará o vinho espremido.

E se tentardes cantar a canção dos anjos, sem terdes amor ao canto, contribuis assim para desviar os ouvidos dos outros do suave cântico das noites e dos dias...” (9)

Ironicamente, se por um ângulo o trabalho nos separa dos deuses, por outro, o trabalho nos equipara aos deuses - é expressão de poder divino da criação e da nossa própria expressão humana e realização no mundo.

Poiésis é ação de criar, é compor, é fazer, é gerar. É poesia. Poiétes é legislador, fabricante, criador, escritor, artesão. Trata do fazer humano. É poesia. Trabalho é poesia. (10)

A definição de trabalho mais bonita que se vai encontrar na doutrina justralhista é a do Jurista que explicou : “trabalho é o homem trabalhando”.

O estudo dos geossistemas em escala macro e o estudo da bioquímica em escala micro já observaram que muito mais do que indivíduos isolados, o que

entendemos por identidade pessoal se confunde com um verdadeiro sistema em que vivemos associados com outros entes, sejam entes macro, seja a nossa microbiota.

Celebramos hoje, pois, uma marca de passagem do fluxo de movimento de nossa própria existência amalgamada em sistema com a desse ente abstrato que é o Judiciário Trabalhista da 4a Região, o qual, no sentido havido por Pontes de Miranda, presentamos.

Celebramos a nossa realização enquanto humanos, operando aplicados na produção de bem social. Cada um de nós em nossas funções específicas, intentamos serem viabilizadas condições dignas para que os demais trabalhadores de nossa sociedade realizem por sua vez a sua humanidade, para além do seu sustento básico e autonomia pessoal. Para garantir o equilíbrio da relação entre o homem que trabalha e aquele que lhe toma o trabalho, ou, afinal, que lhe toma, ele próprio trabalhando. Fossem as forças entre as pessoas sempre equivalentes em cada dos polos, não seria necessário o Direito do Trabalho e sua aplicação. Ocorre que, para além da mera liberdade de contratar, há que se verificar a equivalência de condições entre contratado e contratante, de modo a estar presente vontade com real autonomia. (11)

Operamos, portanto, para que aconteça a aplicação do Direito, a qual, conforme ensina Carlos Maximiliano, consiste no enquadrar um caso concreto em a norma jurídica adequada. “Submete às prescrições da lei uma relação da vida real; procura e indica o dispositivo adaptável a um fato determinado. Por outras palavras: tem por objeto descobrir o modo e os meios de amparar juridicamente um interesse humano. O direito precisa transformar-se em realidade eficiente, no interesse coletivo e também no individual. Isso se dá, ou mediante a atividade dos particulares no sentido de cumprir a lei, ou pela ação, espontânea, ou provocada, dos tribunais contra as violações das normas expressas, e até mesmo contra as simples tentativas de iludir ou desrespeitar dispositivos escritos ou consuetudinários. Assim resulta a aplicação, voluntária quase sempre; forçada muitas vezes.” Segue mais adiante Carlos Maximiliano: “Já os antigos juristas romanos, longe de se aterem à letra dos textos, porfiavam em lhes adaptar o sentido às necessidades da vida e às exigências da época. Não pode o Direito isolar-se do ambiente em que vigora (...) o progresso jurídico se realiza graças à interpretação evolutiva, inspirada pelo



progredir da sociedade (...) O Direito é um meio para atingir os fins colimados pelo homem em atividade; a sua função é eminentemente social, construtora; logo não mais prevalece o seu papel antigo de entidade cega, indiferente às ruínas que inconsciente ou conscientemente possa espalhar (...) A justiça deve ser eqüânime; concilie, sempre que for possível, a retidão com a bondade em toda a acepção da palavra.” (12)

Sempre respeitado o princípio democrático da repartição dos poderes, evidentemente, resguardada a competência legislativa ao legislador, é também por isso que quem aplica o Direito há de ser humano. Em contrapartida, humanos, demasiado humanos, nem tudo são glórias na nossa trajetória, tampouco na da instituição que humanos compomos. Feita por homens, muitas vezes falha a Justiça; homens, muitas vezes falhamos nós. E, sísifos, seguimos. É importante o autoexame permanente. Não apenas para que, Narcisos, não nos afogemos, mas para que, desveladas nossas dificuldades, haja como nos dispormos a superá-las de modo a constantemente aperfeiçoarmos o importante serviço que precisamos prestar à sociedade.

Temos sobradas razões para se celebrar: para além do nosso sustento com dignidade, para além da realização de um importante aspecto da nossa humanidade, para além da nossa contribuição social, celebramos o fluxo do nosso próprio viver, confundido com o de cada ser humano cuja vida é beneficiada pelo nosso trabalho, com o de cada ser humano que nessa labuta integra sua vida à nossa e, por que não, com cada tijolo que se viu ser assentado ampliando as paredes dos prédios que nos aninham. Esta Casa testemunhou a seu turno as nossas próprias mudanças, deu-nos afetos, viu os filhos de muitos de nós nascerem, integrou todo o nosso processo pessoal. Agradeçamos, pois, a todos que emprestam a pulsão de sua vida para enriquecer a nossa.

“Quando partires em viagem para Ítaca

Faz votos para que seja longo o caminho,

Pleno de aventuras, pleno de conhecimentos.

Os Lestrigões e os Ciclopes,

O feroz Poseidon, não os temas,  
Tais seres em teu caminho jamais encontrarás,  
Se teu pensamento é elevado, se rara  
Emoção aflora teu espírito e teu corpo.  
Os Lestrigões e os Ciclopes  
O irascível Poseidon, não os encontrarás,  
Se não os levas em tua alma,  
Se tua alma não os ergue diante de ti

Faz votos de que seja longo o caminho.  
Que numerosas sejam as manhãs estivais,  
Nas quais, com que prazer, com que alegria,  
Entrarás em portos vistos pela primeira vez;  
Pára em mercados fenícios  
E adquiere as belas mercadorias,  
Nácares e corais, âmbar e ébanos  
E perfumes voluptuosos de toda a espécie,  
E a maior quantidade possível de voluptuosos perfumes;  
Vai a numerosas cidades egípcias,  
Aprende, aprende sem cessar dos instruídos.

Guarda sempre Ítaca em teu pensamento.  
É teu destino aí chegar.  
Mas não apresses absolutamente a tua viagem.  
É melhor que dure muitos anos  
E que, já velho, ancores na ilha,

Rico com tudo que ganhaste no caminho,

Sem esperar que Ítaca te dê riqueza.

Ítaca deu-te a bela viagem.

Sem ela não te porias a caminho.

Nada mais tem a dar-te.

Embora a encontres pobre, Ítaca não te enganou.

Sábio assim como te tornaste, com tanta experiência,

Já deves ter compreendido o que significam as Ítacas.”

(Ítaca - Konstantinos Kavafis) (13)

Muito obrigada,

Cláudia Beylouni Santos, em Porto Alegre, aos sete dias do mês de dezembro de 2022

#### Citações e Referências

(1)

-Platão. Timeu-Crítias (Tradução, Introdução e Notas: Lopes, Rodolfo) Editora Annablume - PoD; 1a edição; 2012;

-Platão. Diálogos V (Tradução, Textos Adicionais e Notas: Bini, Edson) Editora EDIPRO; SP, 2010;

-Reale, Giovanni. Platão, História da Filosofia Grega e Romana Vol. III (Tradução: de Lima Vaz, Henrique Cláudio e Perine, Marcelo) 2a edição, Edições Loyola, 2014;

-Reale, Giovanni. Convite a Platão (Tradução: Marsola, Maurício Pagotto) Edições Loyola, 2022;

-Puente, Fernando Rey. O tempo. Editora WMF Martins Fontes, 1a edição; 2010;

(2)

-Brague, Rémi. O Tempo em Platão e Aristóteles (Tradução: Nicolás Nyimi Campanário) Edições Loyola, 2006

-Aristóteles. Física I-II (Tradução, Introdução e Comentários: Angioni, Lucas) Editora da UNICAMP; 2009

-Reale, Giovanni. Introdução a Aristóteles (Tradução: Morão, Artur) Edições 70; 1997;

-Stirn, François. Compreender Aristóteles (Tradução: Alves, Ephraim F.) Editora Vozes; 2011;

(3)

-Baracat Júnior, José e Puente, Fernando Rey. Tratados sobre o tempo, Aristóteles, Plotino e Agostinho Editora UFMG; 2014;

-Plotino. Enéada III.8 [30] (Introdução, Tradução e Comentário: Baracat Júnior, José Carlos) Edição Bilíngüe, Editora da UNICAMP; 2008;

(4)

-Franco Júnior, Hilário. Em Busca do Paraíso Perdido: As Utopias Medievais. Ateliê Editorial; Editora Mnema; 2021;

(5)

-Hesíodo. Teogonia (Organização e Tradução: Werner, Christian) Editora Hedra; 2013;

-Hesíodo. Teogonia - A Origem dos Deuses (Estudo e Tradução: Torrano, JAA) Editora Iluminuras Ltda; 2012;

-Ésquilo. Prometeu Acorrentado (Tradução: Kury, Mário da Gama) Editora Zahar; 2013;

-Vernant, Jean-Pierre. As Origens do Pensamento Grego (Tradução: Ísis Borges da Fonseca) Editora Difel, 2016;

(6)

-Anônimo. Epopeia da Criação - Enuma elis (Tradução, Introdução e Comentários: Brandão, Jacyntho Lins) Autêntica Editora; 2022;

-West, M.L. Poesia e Mito Indo-Europeus (Tradução: Mazzanti Jr, Alex; Geraldo, Caio Borges Aguida; Campos, Felipe; Barbieri, Pedro; Venturott, Thiago) Editora Mnema; 2022;

(7)

-Sólon de Atenas: A Cidade Antiga (Tradução e Notas: de Barros, Gilda Naécia Maciel) Humanitas Publicações FFLCH - USP; 1999;

-Florenzano, Maria Beatriz Borba e Hirata, Elaine Farias Veloso. Estudos Sobre a Cidade Antiga. EDUSP; 2009;

-Zeifert, Luiz Paulo. A Exclusão Social na Grécia Clássica e a Postura dos Sofistas - Repercussões nos Processos Emancipatórios Contemporâneos. Editora UNIJUÍ, 2004;

-Vernant, Jean-Pierre e Vidal-Naquet, Pierre. Mito e Tragédia na Grécia Antiga I e II (O Momento Histórico da Tragédia na Grécia: Algumas Condições Sociais e Psicológicas) (Vários Tradutores) Editora Perspectiva; 1999;

-Marins, Sergio Pinto. Direito do Trabalho. SaraivaJur; 2022;

-De La Cueva, Mário. Panorama do Direito do Trabalho (Tradução: Chiarelli, Carlos Alberto Gomes) Livraria Sulina Editora; 1965;

-Aquino, Rubin Santos Leão de. História das Sociedades - das Comunidades Primitivas às Sociedades Medievais. Editora Imperial Novo Milênio; 3a edição;

(8)

-Hesíodo. Os Trabalhos e Os Dias (Tradução e Comentários: Lafer, Mary de Camargo Neves) Editora Iluminuras; 2020;

-Hesíodo. Teogonia e Trabalhos e Dias (Tradução: Sueli Maria de Regino) Martin Claret; 2010;

(9)

-Gibran Khalil Gibran. O Profeta (Versão de José Mereb) Edição José Mereb; 1939;

(10)

-Vários Autores. Dicionário Grego-Português (Coordenação: Malhadas, Daisi; Consolin; Maria Celeste; Neves, Maria Helena de Moura) Editora Mnema; 2022;

-Aristóteles. Poética (Tradução e Notas: Pinheiro, Paulo) Edição bilíngüe. Editora 34; 2015;

-Aristóteles. Sobre a Arte Poética (Tradução: Mattoso, Antônio e Campos, Antônio Queirós. Prefácio: Brandão, Jacyntho Lins) Autêntica Editora; 2018;

(11)

-Moraes, Evaristo de. Apontamentos de Direito Operário. Editora LTR; 1998;

-Olea, Manuel Alonso. Introdução ao Direito do Trabalho (Tradução: Silva, CA Barata da) Edição Sulina; 1969;

-Plá Rodriguez, Américo. Princípios de Direito do Trabalho (Tradução: Giglio, Wagner D.) Editora LTR; 1978;

-Plá Rodriguez, Américo. Curso de Direito do Trabalho: contratos de trabalho (Tradução: Passos, João da Silva) Editora LTR; 1982;

-Ferreira Filho, Manoel Gonçalves. Direitos Humanos Fundamentais. Editora Saraiva; 2009

-Pereira, Caio Mario da Silva. Instituições de Direito Civil Volume III Fontes das Obrigações, Contratos. Editora Forense; 1986;

(12)

-Maximiliano, Carlos. Hermenêutica e Aplicação do Direito. Editora Forense; 2011

(13)

-Kavafis, Konstantinos. Poemas (Tradução: Fonseca, Ísis Borges Belchior da) Editora Odysseus; 2006